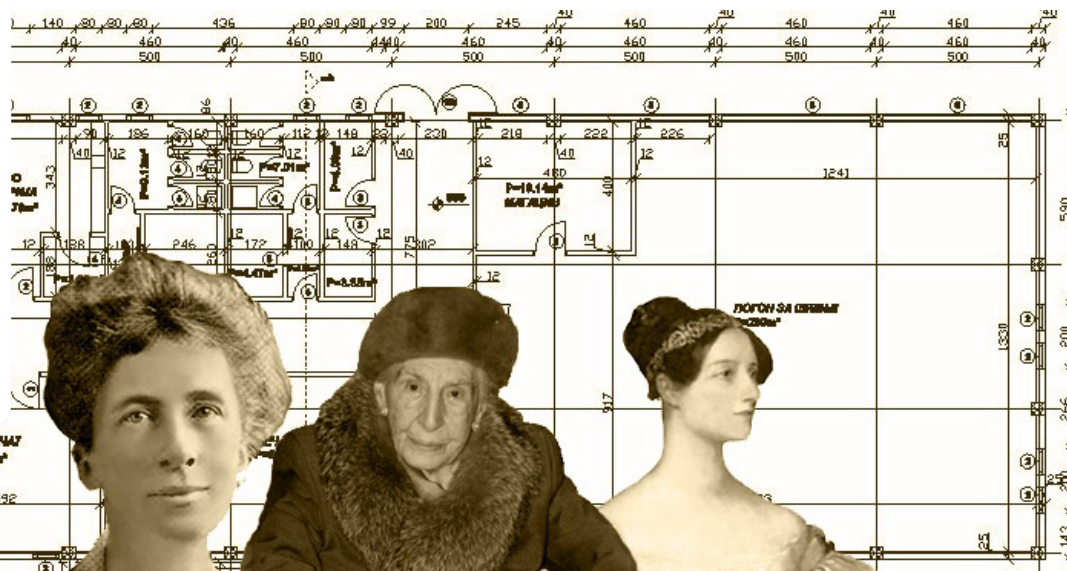




DIFERENCIAL

19 6 MAI 2013
QUINZENA



Mulheres no Técnico

Consideradas por alguns a “espécie rara do curso”, o baixo número de mulheres inscritas no IST tem sido motivo para as mais diversas piadas sobre a nossa instituição. Mas se hoje a maioria dos nossos colegas são do sexo masculino, houve tempos em que existiam mais mulheres inscritas e outros em que não havia uma única mulher na nossa escola. Assim, nesta edição, decidimos investigar a presença importante das mulheres nas universidades, mais especificamente no Técnico. Da impossibilidade de frequentar uma Universidade à presença maioritária na generalidade dos estabelecimentos de ensino superior, o tema da história das mulheres no ensino tem sido tão cativante quanto atribulado.

Ao revisarmos os livros de História de anos escolares anteriores, podemos verificar que a primeira Universidade Portuguesa foi criada no século XIII, em 1290, por D. Dinis. No entanto, a presença feminina era proibida e a primeira mulher que ousou frequentar uma Universidade fê-lo no séc. XVI, 3 séculos depois, fazendo-se passar por homem. Tirou dois cursos: Humanidades e Filosofia e espantou o público quando, aos 17 anos, defende a sua tese e se revela. Foi tal a polémica gerada à volta deste acontecimento, que, na escrita, perdura a sua história de vida.

Passam-se outros três séculos até que, em 1891, Domitília Hormezinda de Carvalho se torna a primeira mulher a ser admitida abertamente no ensino superior na Universidade de Coimbra. No entanto, sem descurar de diferenciações regradas. Na verdade, naquela época, o ensino superior era aberto a qual-

quer homem que soubesse ler e escrever, enquanto uma mulher tinha, obrigatoriamente, de realizar exigentes provas de avaliação. Domitília Carvalho conseguiu ser aprovada e tirou o curso de Matemática, seguido do de Filosofia. Concorreu ao observatório D. Luís I e obteve os melhores resultados do conjunto de astrónomos que concorriam ao lugar, mas foi recusada por ser mulher. Desanimada, mas nem por isso desistente, tirou o curso de Medicina e exerceu ainda a função de deputada.

Pouco se alterou nos 20 anos seguintes. Contemporaneamente à fundação do Técnico, 1911, somente 8 mulheres, num total de 1350 estudantes, estavam inscritas na Universidade de Coimbra e só nesse ano a primeira professora catedrática começa a exercer funções. Tivemos de esperar 20 anos, até 1931, para a primeira aluna entrar no IST. Maria Amélia Chaves acabou o curso em 1937, tornando-se a primeira engenheira do país. Escolheu Eng^a Civil, embora esta escolha tenha sido controversa. Foi apenas quando um professor lhe disse que só valia a pena entrar no Técnico se fosse para um curso de que gostava mesmo, que a engenheira decidiu ir para Eng.^a Civil, uma vez que todos à sua volta lhe garantiam que Engenharia Química era “um curso mais indicado para senhoras”. É, aliás, exatamente para Eng.^a Química que, alguns anos mais tarde, ingressam mais duas estudantes no Técnico (Isabel Maria Gago e Maria Luísa dos Santos). Na realidade, Química é, ainda, um dos cursos com maior percentagem de alunas no IST. Todavia, em entrevista ao Diferencial, a professora Diná Afonso, licenciada em Engenharia Química em 1978 afirma

Eleições na UL

Dada a fusão entre a UL e a UTL, está na hora de eleger os órgãos da nova universidade.

Página 3



CNUs

Como se saem as equipas da AEIST nos campeonatos nacionais universitários? Bem, e falamos mais sobre isso no interior do jornal.

Página 5

Eleições na AEIST

A campanha já passou, o escrutínio já decorreu e já se conhece o vencedor.

Página 6



Binómio

Discriminante

Desta vez, um FPS original e emocionante por uma quantia que todos os estudantes conseguem pagar: nada.

Página 7

Agenda Cultural

Entre música, cinema, teatro e exposição, trazemos as melhores formas de ocupar o teu tempo livre - acaso o tenhas.

Página 8

EDITORIAL

Estamos cada vez mais próximos do final das aulas, mas não do final do trabalho académico. Aliás, julgo que este até aumenta: entre projectos, testes e exames, todos procuramos tempo para nos dedicarmos aos nossos hobbies.

Mesmo assim, trazemo-vos mais uma edição do Diferencial, este sobre as mulheres no IST ao longo dos anos.

As dificuldades foram muitas ao longo dos anos, mas até que ponto mudou a situação? Ficou melhor? Provavelmente. Para tirar isso a limpo, a nossa redacção mergulhou num mar de factos e estatísticas, e assim vos chega o nosso artigo de capa.

O mês de Maio ficou ainda marcado pela campanha eleitoral da AEIST. Nem os mais distraídos ficaram indiferentes às faixas, t-shirts, folhetos, pássaros e pandas, enquanto lista T e lista A batalhavam pelos votos dos alunos. Poderão ler um pouco mais sobre as eleições nas páginas interiores do jornal.

Ainda esta semana (recordo-vos que escrevo uma semana antes de o jornal sair, logo leiam isto como “na semana passada”) decorrerá a semana académica de Lisboa e a Queima das Fitas do nosso IST. A praxe será sempre um eterno tema de debate, mas temos de notar o grande esforço que tem havido da parte do Magnum Consilium Praxis para melhorar a tradição praxística no Técnico, para que esta não seja uma forma glorificada de bullying.

que na altura em que frequentou o IST lhe parecia haver um maior número de mulheres do que o atualmente existente. Será que a crença de que há cursos mais indicados para mulheres se mantém?

Voltemos atrás na História para contextualizar. Enquanto, no Técnico, a 3ª mulher engenheira ingressava no Ensino Superior, 10 anos antes, em Coimbra, a barreira das 100 alunas inscritas já tinha sido quebrada. Uma discrepância numérica que sempre foi verificada entre faculdades de engenharia e as de restantes cursos. Na verdade, este problema parece afetar áreas técnicas específicas ainda hoje em dia. Segundo estudos feitos em 1993, havia uma maioria feminina em quase todos os ramos do ensino superior exceto ciências da computação (39% de mulheres), engenharias (30,4%), desporto (40%) e arquitetura (46%). Este mesmo estudo caracteriza a presença feminina nas Universidades como pertencente, na sua generalidade, à classe média alta, empregando-se em empresas da família. No entanto, esta tendência começa a ser quebrada. Outros estudos apontam para uma justificação baseada no incitamento, por parte dos pais e educadores, para brincadeiras e tarefas socialmente associadas a diferentes sexos. Ou seja, aos rapazes dão-se brinquedos para construir, veículos motorizados para conduzir e ensinam-se-lhes jogos ao ar livre. Por sua vez, incentiva-se as raparigas a fazer atividades mais pormenorizadas e em ambientes fechados, como brincar com bonecas, desenhar ou decorar objetos. Segundo estes estudos, tal faz com que uma criança exercite mais uma capacidade intelectual específica e se interesse por determinadas áreas associadas a ela. Os números não mentem e é sabido que a taxa de mulheres inscritas em cursos como o de Eng.^a Física, Eng.^a Mecânica ou Informática são muito inferiores à existente em cursos como Eng.^a Química, Eng.^a Ambiente ou Arquitetura.

Vasculhando mais profundo nos retratos históricos da presença feminina no Técnico, por volta dos anos 60 (altura em que uma autora teria de pedir permissão

ao marido para publicar as suas obras), a administração do IST mantinha uma sala de alunas, conhecida como Gineceu. Uma reestruturação levou a que houvesse a necessidade de a fechar, facto que gerou grande contestação. Numa época ditatorial em que, enquanto mulher, a pressão para casar e ser bonita era ainda maior, colaboradoras da AEIST quebravam convenções sociais, utilizando sempre calças. Por volta da mesma altura, ocorre a publicação do texto intitulado “Mulher no Mundo”, por parte do boletim Binómio editado pela AEIST a partir de 1960, no qual se fala da “emancipação da mulher” e da prática do aborto, enquanto se propõe uma “relação sexual durável, que não precisa da existência da reprodução para ser justificada”, em oposição ao “casamento instituição”. Na verdade, a história da “revolta da sala das alunas”, bem como as publicações do boletim Binómio, tornou-nos numa das instituições de ensino mais faladas da altura.

Atualmente, o IST é a faculdade da UTL com maior discrepância no género dos seus estudantes e a pressão para aparecer “bonita” continua a ser sentida. No entanto, longe estão os tempos da “revolta da sala das alunas” ou da interdição legal das mulheres ao ensino. Tal como referido na introdução, esta é uma temática tão cativante como atribulada. Como o espaço de escrita é reduzido e ainda falta bastante para investigar e relatar faremos, na próxima edição, um artigo follow-up sobre o Técnico no Feminino. Compilámos também uma playlist de vídeos e de artigos sobre este tema, divulgados no site do Diferencial. No entanto, deixamos a questão: estaremos a valorizar a presença feminina no IST, de forma positiva e inclusiva? Ou estaremos a reproduzir pressões sociais para regrar como uma mulher, e uma engenheira, se deve vestir, agir ou ser?

Carlos Moreira e Mi Guerreiro

Na imagem de capa, da esquerda para a direita, Helen Blanchard, inventora do sec XIX, Isabel Gago, primeira professora do IST e Ada Lovelace, primeira programadora.

ESCOLA DE CONDUÇÃO MONUMENTAL

És estudante?

Tira a carta na Monumental por 400 euros, exames incluídos!



www.ecamonumental.pt 218475535 968757030 918597181 ecmonumental@mail.telepac.pt

BINÓMIO DISCRIMINANTE

PlanetSide 2

Imagina um online multiplayer FPS. Uma dúzia de jogadores de cada lado aos tiros, com uma ocasional granada e facada. Talvez alguns tanques e quem sabe um ou outro avião ou helicóptero. PS2 é isto tudo, mas numa escala épica e free-to-play.

Em vez de vários mapas pequenos e diferentes modos de jogo por onde escolher, PS2 apenas tem três mapas enormes e um único modo de jogo: guerra perpétua. Os mapas representam os continentes do planeta Auraxis, onde três facções lutam pelo controlo total do território através da captura de bases. Continentes que à escala são aproximadamente 8kmx8km, com climas e ciclos noite/dia diferentes para cada um e bases que vão desde castelos high-tech a simples postos de observação. Algumas bases são tão grandes que um jogador iniciante terá dificuldade em imaginar a quantidade de gente necessária para as tomar, mas em PS2 batalhas com 300 jogadores de cada lado ao mesmo tempo são comuns, em várias partes do mapa em simultâneo, cada uma podendo durar horas ou até dias, com salvas de tanques, assaltos de infantaria e combates aéreos entre aviões. E se a terceira facção se junta ao barulho, cria-se um ambiente de festa onde em vez de cerveja há mísseis, e toda a gente foi convidada para levar com um tiro na cara.

Mesmo nesta escala o jogador consegue sentir-se útil. Podendo mudar de classe e equipamento a meio de um combate, consegue-se compensar os pontos fracos da equipa, e até um jogador mais solitário tem certas classes com as quais consegue criar impacto por si próprio. Para além das capacidades iniciais das várias classes, ao ganhar experiência, o jogador pode especializar-se no seu estilo ou estilos de jogo favorito, seja ele sniper, infantaria com jet pack, engenheiro, piloto de caças, condutor de



tanques pesados, médico ou até MAXs, fatos robotizados com uma caçadeira como mão esquerda e um míssil na mão direita. O jogador pode inclusive teletransportar-se para territórios aliados a qualquer momento, para procurar uma batalha mais favorável, ou para defender uma base importante que esteja a ser atacada no outro lado do mapa. Ou ir a pé, mas quando lá chegar já a guerra acabou.

O som do jogo baseia-se na mistura entre o tema de cada facção, as ordens e pedidos de ajuda dos teus aliados, o barulho de coisas a rebentar à distância (ou perto demais) e a chuva constante de tiros, criando a soundtrack perfeita para ver o inimigo a fugir no horizonte a momentos de uma grande vitória. Apesar de ser preciso um bom computador para apreciar completamente os gráficos do jogo até modelos mais antigos conseguem correr PS2 de forma perfeitamente jogável e sem problemas de performance em batalhas mais populosas.

PS2 faz o que os outros FPSs têm feito durante anos, mas consegue oferecer-nos uma experiência original e emocionante pela módica quantia de zero euros. Parece-me um bom preço para um shooter deste calibre.

Carlos Costa

MANDATO 2012/2013 - Fizemos por ti e para ti ESPAÇO AEIST



Este ano aproximámos mais os estudantes dos trabalhos desenvolvidos na nossa Escola ao nível da investigação científica, trazendo de volta a Revista Técnica, iniciada em 1925.

Na época de exames do 1º semestre, trouxemos-te a Sala de Estudo da AEIST, no edifício da Secção de Folhas, como resposta ao condicionamento de horários e redução dos espaços de estudo disponíveis no Técnico.

O Espaço AEIST, para além de ter presente o Gabinete de Emprego, Formação e Empreendedorismo, tem agora diversos artigos académicos que podes adquirir.

DIFERENCIAL 20

O Bar da Bola, em elevado estado de degradação há bastante tempo, sendo o local de eleição do alunos do IST para realização de festas, foi renovado.

A Newsletter foi renovada e reactivada e podes subscrever em: www.aeist.pt/Pub/pt/AEIST/Newsletter/Inscrever.

A fase experimental da AEISTmobile foi finalizada este ano, tendo como objectivo um acesso rápido à informação através dos smartphones.

Pelos Estudantes do Técnico Sempre!

AGENDA CULTURAL

A Essência do Amor

Realizado por Terrence Malick, director conhecido por realizar 6 filmes ao longo de 40 anos, todos grandemente aclamados pela crítica, A essência do amor conta a história de Neil, um homem dividido entre duas paixões.

Não seguindo as convenções cinematográficas do género romântico, este projecto é descrito como abstracto, preso á experiencia visual, onde é explorada a forma como o amor em todas as suas fases, pode transformar, destruir ou reinventar uma vida.



Clinic!

Clinic! foi pensado para aqueles que procuram uma incursão pelo diferente. Trata-se de um espectáculo de teatro de objectos e bolhas de sabão, pensado para um público universal, de forma a estimular a imaginação e ajudar a lidar com os medos que vivem dentro de nós. Em cena no CCB dias 29,30 e 31 de Maio, e dias 1 e 2 de Junho. Preço dos bilhetes varia entre 3,20€ e 5,35€.



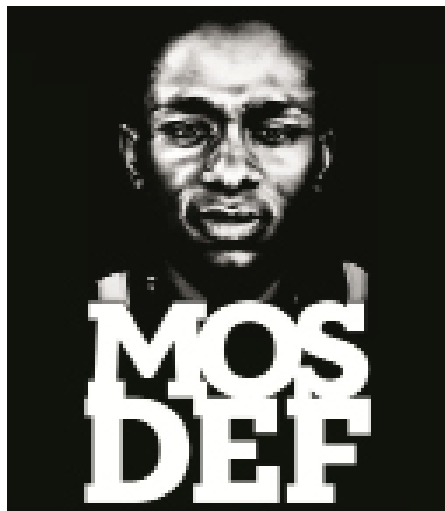
CARTOON

CAMPANHA ELEITORAL



Ary, o poeta das canções

O Centro Cultural da Malaposta, em Odivelas, apresenta dia 24 de Maio pelas 21:30 horas um espectáculo totalmente dedicado às obras e canções de Ary dos Santos, no âmbito das celebrações que marcam os 75 anos do seu nascimento. Com um repertório que engloba todas as suas obras mais marcantes, como “Cavalo á solta”, “Canção de Madrugar”, “Estrela da Tarde”, entre muitas, muitas outras, são interpretadas por QuimZé Lourenço, o pai deste projecto, num registo inovador, sofisticado e contemporâneo. Preço: 12,50€.



Mos Def

Dia 6 de Junho Portugal tem o prazer de receber, pela primeira vez, um dos vultos do hip-hop americano. Falamos claro de Mos Def, ou Yasiin Bey, autor de alguns dos registos incontornáveis da cena leste, como é caso do seu álbum de debut, Black On Both Sides. Mos Def lançou o último

trabalho em 2009, mas prepara-se para voltar a reunir-se com Talib Kweli, com quem forma os Black Star. Preços ainda não anunciados.



Joana Vasconcelos

Joana Vasconcelos é uma das artistas plásticas mais conceituadas em Portugal, com instalações nacionais e internacionais, como é o caso do Palácio de Versailles e Palazzo Grassi em Veneza. Agora é a vez do Palácio Nacional da Ajuda receber, nos dias 23 de Março a 25 de Agosto, a sua maior exposição individual. A artista é conhecida pela sua capacidade de interagir as suas obras com o meio ambiente, criando um ambiente fluido, onde passado, presente e futuro se misturam. Assim, consegue-se não só mostrar as suas obras, como mostrar a beleza do próprio Palácio, sem se ofuscarem mutuamente. Preço bilhete de estudante (até 25 anos): 5 €.